

De patrulheiro a mestre

Denis Cacique aproveitava o longo trajeto do ônibus para ler Aristóteles

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

O ônibus da linha urbana 2.10 (Unicamp/Terminal Campo Grande) embalava a leitura de obras de Aristóteles e de outros autores enquanto Denis Barbosa Cacique preparava-se para ser um filósofo formado pela Unicamp. A longa distância favorecia o cumprimento da carga de leitura exigida para sua formação, já que dividia as 24 horas de seus dias entre o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e a Área de Estatística do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), onde trabalha desde 2001. Foi nesse trajeto entre o bairro Jardim Nova Esperança e a Universidade, que a maior parte da história profissional e acadêmica de Dênis se escreveu. A “quase sem querença” do início desta relação hoje pode ser espelho para muitos olhos voltados para uma dúvida comum: “o que quero ser quando crescer?”

Quando planejava abordar o dono do supermercado do outro lado da avenida para pedir seu primeiro emprego, como empacotador, o garoto do Jardim Nova Esperança nem pensava chegar à graduação de qualquer área do conhecimento. Muito menos planejava se tornar mestre em tocoginecologia pela Unicamp. Mas se tornou. No bairro Nova Esperança, apesar da boa aplicação na escola, os olhos buscavam apenas uma possibilidade profissional: manusear as sacolas de comércio. A timidez sobrepôs a coragem, e Denis nunca falou com o comerciante e jamais empacotou compra de cliente em nenhum outro estabelecimento.

A trajetória ascendente do garoto do Nova Esperança teve início na área administrativa da EPTV de Campinas, afiliada da Rede Globo, por intermédio do Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro de Campinas (Campc). Seria o emprego perfeito, não fosse tão demorado o trajeto do ônibus. E, naquele momento, o transporte fretado seria o único diferencial da Unicamp em relação a outras empresas na cabeça de Dênis, que não se conformava em chegar atrasado à escola por conta da distância. Acatando à sugestão de um amigo, que já trabalhava na Universidade, pediu sua transferência no Campc.

Mesmo sem conhecimento prévio do que encontraria na Unicamp, surpreendeu-se em 2000, ao ser encaminhado para o Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism). Logo pôde perceber, no contato com profissionais como o médico Francisco Mezaccappa, a jornalista Clarice Rosa e o escritor e jornalista Eustáquio Gomes, que o caminho para se manter empregado era completar os estudos. Para completar os estudos, porém, era necessário se manter empregado. Assim, o patrulheiro, ao completar 18 anos, em 2000, empenhou-se para ser aprovado num processo seletivo para a Seção de Agendamento de Consultas do Caism.

Sagaz no objetivo que os mestres haviam cochichado aos seus ouvidos, com o trabalho garantido pela Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Fundcamp), em 2001, apressou-se em se inscrever no vestibular para o curso de administração da PUC-Campinas. Mas o instinto questionador fez com que apenas uma disciplina do curso lhe satisfizesse: a filosofia. Então por que não se graduar em filosofia? Na verdade, era esta a área do conhecimento escondida na infância do já questionador garoto do Nova Esperança. “Sempre tive aquela angústia existencial. E quando se começa a estudar filosofia, vê que não está sozinho. Existem muitas pessoas com preocupações parecidas, sejam de cunho moral, social ou estético. Todas essas áreas clássicas da filosofia”, acrescenta.

O primeiro contato com a filosofia foi encantador, segundo Dênis, e, apesar de não conhecer muito sobre a área, decidiu se matricular nos cursos pré-vestibulares Herbert de Souza e DCE. “Dois cursos muito bons, em minha opinião. Aprendi muito, pois complementaram minha formação no ensino médio”, pontua Dênis. Para ele, mais que oferecer desconto ou bolsa integral,



O funcionário Denis Barbosa Cacique, do Caism: “Se eu não trabalhasse na Unicamp, não conseguiria concluir o curso de filosofia”

os coordenadores desses cursos procuram despertar no aluno uma capacitação para fazer vestibular. “Eles contribuem para a afirmação do jovem como cidadão. Não é somente aprender a fazer regra de três. Tem característica social de receber aluno que vem de origem mais humilde. É complicado comparar porque não tenho outra referência, mas posso falar desses dois pela experiência que tive.” Em 2008, tornou-se filósofo pela Unicamp.

Com uma carga de leitura grande a cumprir e o compromisso diário com a equipe da Área de Estatística do Caism, a busca do conhecimento foi um tanto mais complicada. “O curso era diurno, eu trabalhava na Estatística, mas consegui liberação das supervisões, das gerências. Meu horário foi flexibilizado. Sem esse apoio e se eu não trabalhasse na Unicamp, não conseguiria concluir o curso de filosofia”, enfatiza. As leituras, geralmente, aconteciam a bordo do ônibus da linha 2.10 (Unicamp/Terminal Campo Grande). “Sentava na poltrona e abria o livro de Aristóteles e outros autores. Fiz muito trabalho com essa leitura em coletivo. Fiz parte considerável de minha graduação em ônibus”, brinca.

Embora goste de filosofia, Dênis destaca uma das lacunas do estudo, pois sentiu falta de um debate mais aprofundado sobre um assunto contemporâneo, com problemas mais presentes. “Sem fazer distinção simplista entre teoria e prática”, explica. Essa inquietação o fez escolher o aborto como problema a ser abordado em sua dissertação no programa de pós-graduação em tocoginecologia. No trabalho, apresentado em junho deste ano, ele desenvolveu e validou um questionário capaz de avaliar a opinião dos profissionais da área de saúde sobre o aborto.

A experiência na Universidade foi fazendo de Dênis, ainda no início da juventude, um homem responsável. Em 2006, além da aprovação no vestibular para o curso de filosofia, ele foi aprovado em um concurso público para a Unicamp. Depois de três anos na fila de espera, em 2009 foi convocado e continuou a trabalhar na Área de Estatística do Caism.

A transferência da Seção de Agendamento para a Estatística também foi providência da história de vida do garoto do Nova Esperança. Em 2001, quando acabava de deixar a farda de patrulheiro, ele soube da necessida-

de de um funcionário que digitasse folhas de atendimento ambulatorial na Estatística. Prontificou-se, foi aceito e de lá não sairia mais. Lá mesmo se dedicaria à área administrativa, ao mesmo tempo em que, em seu universo de questionamentos, participasse da formulação de questionário para medir a satisfação de funcionários do hospital. A participação nessas atividades, bem como na condição de membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, ajudou no desenvolvimento de sua dissertação. “Quando revemos a pesquisa dos outros, começamos a aprender como deve ser a nossa”, declara.

A dissertação, orientada pelos professores Renato Passini e Maria José Martins Duarte Osis, soma-se a uma série de trabalhos com abordagem voltada para o aborto na academia. Para ele, o aborto tem grandes possibilidades de abordagem ética e conhecer a opinião de profissionais da área de saúde sobre a moralidade do aborto é importante para dar continuidade às pesquisas sobre o tema. “São esses profissionais que atendem em primeira mão a paciente com complicação de abortamento ou que interrompe a gravidez de forma legal, em caso de violência. Estão numa posição delicada que precisa ser estudada”, pontua o filósofo.

O ENCONTRO

“Mesmo miseráveis os poetas, os seus versos serão bons” (Chico Buarque). Dênis é prova de que se a poesia não é boa, o poeta pode melhorar com o tempo. Provou do gosto de escrever poesias na adolescência, quando ainda era patrulheiro mirim, mas admitiu a necessidade de melhorar quando um amigo

apontou os pontos a melhorar ainda nos primeiros encontros entre os dois. “Encantei-me com ele logo no primeiro encontro. Até então não conhecia Eustáquio Gomes. Hoje leio tudo o que publicou. Ainda releio suas crônicas”, revela, entre um sorriso e outro, o jovem mestre.

Hoje, Dênis partiu para a crônica e tem espaço cativo para publicação de artigos no Boletim *Caism Notícias*. Sem falar na publicação de artigo em periódico. Essas conquistas poderiam ser compartilhadas com o [ídolo], não fosse o problema de saúde enfrentado por Eustáquio em 2010. Um dos fundadores da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unicamp (Ascom), o jornalista surpreendeu o jovem por receber um patrulheiro aspirante a escritor em sua sala tantas muitas vezes, mesmo que não estivesse mais na companhia de Clarice, que foi quem fez a apresentação. “Eu o procurava para contar sobre minhas conquistas e para pedir opinião sobre algum novo texto.”

Dênis admite sua fraqueza pela poesia, mas relembra que se alegrou com as críticas, e decidiu continuar a escrevê-las porque lhe é prazeroso. O primeiro encontro, ainda quando era o garoto do “Nova Esperança”, embalado por uma leitura a bordo do ônibus fretado, nunca mais abandonou a memória: “Lembro com perfeição de ter ido para uma sala onde Eustáquio escrevia o livro *Unicamp 35 anos*. Ele me recebeu com uma abertura tão grande, foi muito simpático. Descobri o privilégio ao conhecê-lo pessoalmente. Indicou leitura, me deu livros, falava que minhas poesias eram ruins com muito jeito. Ainda leio seus textos. Tenho crônicas dele. Fiquei encantado pela fala bonita vinda de uma pessoa simples. E a gente que gosta de estudar, de escrever, quando encontra gente assim fica encantado. Ele falava sobre literatura brasileira com um domínio que nenhum professor meu da escola tinha. Passava a impressão de entender muito de filosofia. Escreveu um diálogo com um gato, que começa a filosofar, falar sobre o sentido da vida. Como literatura é ótimo e como conteúdo filosófico também. Eustáquio é um exemplo para mim. Sou encantado por ele até hoje”, para lembrar.

Certamente o escritor, jornalista e amigo se orgulharia de conhecer as últimas conquistas do garoto do “Nova Esperança”, que promete ainda mais no doutorado que se anuncia.